



O DESPERTAR

Boletim Religioso
da

IGREJA LUSITANA CATÓLICA APOSTÓLICA EVANGÉLICA

MENSAGEM EPISCOPAL

MINISTÉRIO APOSTÓLICO

Rev.^m Bispo D. Luís Perelra

Mais uma vez a nossa Catedral foi cena duma Sagração. A cerimónia que no dia 25 de Maio último ali se realizou, revestiu-se de grande beleza litúrgica e teve uma projecção nunca atingida em qualquer acto de culto da Igreja Lusitana. Todavia, o mais importante de tudo quanto se passou foi o *facto* proclamado pelo diácono no fim da celebração: «Irmãos, o Povo de Deus tem um novo Bispo».

Que significa «um novo Bispo»? Quer dizer que mais um cristão foi tornado participante da plenitude do Ministério Apostólico. Essa participação foi-lhe dada pela imposição das mãos, com a invocação do Espírito Santo, por outros, que para tal haviam recebido autoridade de outros, e assim sucessivamente até aos Apóstolos.

Costumam muitos designar a Igreja Lusitana por «Igreja Episcopal», por julgarem que para nós é essencial que a Igreja seja «governada» por um bispo que tem sob sua jurisdição certo número de presbíteros. É certo que no Prefácio

do nosso Ordinal lemos que «desde o tempo dos Apóstolos existem na Igreja de Cristo estas ordens de ministros: Bispos, Presbíteros e Diáconos»; estamos convencidos de que o mesmo Espírito Santo que guiou a Igreja a definir o Canon do Novo Testamento foi Aquele

existência dum ministério derivado sacramentalmente dos Apóstolos através daqueles que sacramentalmente receberam encargo e autoridade para transmitir esse ministério.

Embora o Ministério Apostólico seja um órgão da Igreja nela colocado pelo Senhor, e que não tem sentido fora do contexto da Igreja, a sua autoridade não provém da Igreja mas do Senhor. Foi Ele quem chamou os Doze e os constituiu como seus plenipotenciários. São os Apóstolos que depois, pela imposição das mãos, tornam os Sete de que nos falam os Actos (cap. 6) detentores duma parte do seu ministério. É por autoridade apostólica que Presbíteros

são estabelecidos nas novas comunidades, mais tarde através de «Varões Apostólicos», como Timóteo e Tito (que nos aparecem como uma transição para o «bispo» inaciano) com jurisdição sobre os «bispos-presbíteros» de que nos falam os escritos neo-testamentários.

(Continua na página 13)



A primeira bênção episcopal de D. Daniel

que antes a levava a adoptar o tipo de episcopado descrito por Sto. Inácio de Antioquia no Século II e que, embora com «dioceses» maiores, se tem mantido até aos nossos dias. Porém, o que para nós é essencial não é, propriamente, uma determinada forma de governo episcopal que qualquer grupo pode improvisar, mas sim a

EDITORIAL

Um bispo novo havemos!

Em 25 de Maio, quinta-feira depois do Domingo da Trindade, chamado dia do «Corpo de Cristo» (Corpus Christi) por se celebrar o Sacramento da Eucaristia, foi anunciado por todos os jornais do País, em grandes reportagens, e pelas emissoras, televisão e noticiário cinematográfico, a sagração do 3.º Bispo da Igreja Lusitana.

A notícia não é a oficial da Igreja. Mas generalizou-se e tem o sentido, pelo menos, duma realidade. Se a eleição de D. Daniel foi feita numa diocese cuja jurisdição pertence à África do Sul, a verdade é que esta diocese está situada em território português e tudo indica que num futuro próximo ficará dependente da Igreja Lusitana. Por isso se escolheu intencionalmente um presbítero da Igreja Lusitana e a sagração foi feita na Catedral de S. Paulo, em Lisboa.

D. Daniel de Pina Cabral é a 3.ª geração de membros da Igreja Lusitana, foi um dos seus presbíteros mais dedicados, tem trabalhado intensamente para a actualização da liturgia e cânones da Igreja e procurado sempre criar-lhe um ambiente de prestígio no consenso da Igreja Universal, mormente nos campos da Comunhão Anglicana e Velho-Católica.

O acto da sagração, por todas estas razões, faz parte da nossa Igreja, da nossa história.

A Igreja Lusitana, iniciada em 1880, como movimento nacional da reforma religiosa, manteve-se sempre fiel aos seus princípios católicos, apostólicos e evangélicos. Foi, todavia, ignorada da grande parte dos portugueses, embora sempre considerada com grande simpatia por todos quantos com ela contactavam, pela evidência e importância do seu papel na evangelização do País. A sua liturgia em bom vernáculo e de boa cepa católica, com raízes nas liturgias bracarense e mosárabe, e igualmente a sua organização democrática e liberal era de molde a satisfazer os espíritos cristãos independentes.

E o tempo tem sido a nosso favor!

Em 1922, não conseguimos que o nosso primeiro bispo-eleito, D. Joaquim dos Santos Figueiredo, fosse sagrado. Dificuldades se amontoaram no reconhecimento «aberto» da nossa comunidade co-

NOTAS E
COMENTÁRIOS

Paulo Agostinho

Manifestações comuns duma Igreja em
marcha!

Uma congregação paroquial é uma comunidade religiosa! Parece uma frase feita, que nada tem de especial ou de novo. Todavia nada há em que nos pareça mais necessário insistir, se entendermos como comunidade um conjunto de indivíduos que trabalham em comum num objectivo único e, sendo religiosa, esse sentido único será a extensão do Reino de Deus. A religião não inclui qualquer ideia de estaticismo, de passivismo; não é constituída apenas de cerimónias, dirigidas por certos indivíduos privilegiados para agradar a Deus.

Deus não precisa que lhe agradeamos, no sentido plebeu da palavra, isto é, no sentido de lhe fazermos um favor: «Eu sou cristão, vou aos cultos todos os domingos!»

O Seu Amor por nós implica nma atitude: a nossa saída dum estado materialista e de morte para a evolução da vida do espírito, da vida eterna. E esta evolução é uma metamorfose completa, uma transformação dum novo sentir mais íntimo, que se deve impôr no con-

flito travado com as tendências animais a que estamos presos, nesta geração de Adão, pecadora e rebelde.

Ora esta evolução não se pode fazer sem manifestações visíveis duma vontade de querer tudo, de fazer tudo pelo bem do nosso próximo, **por um melhor dinamismo do grupo eclésico a que pertencemos.** As sociedades de senhoras, os grupos de homens, as organizações de juventude, os estudos sociais-religiosos, bíblicos, etc., etc., as organizações artísticas, os grupos corais, as escolas dominicais, as escolas diárias, os estudos nocturnos para auxilio dos que trabalhando desejam aperfeiçoar-se, todas estas actividades congregacionais formam a sua vida espiritual, e a sua vida verdadeira em Cristo. Pelas obras os conheceréis. Porque eu tive sede e tu me deste de beber, eu estive doente e tu me visitaste, eu estive preso e tu me consolaste!

Ainda há pouco na Igreja-Catedral de S. Paulo tivemos provas deste entusiasmo comunitário, partido de uma manifestação viva e

mo independente, católica e evangélica, apesar da simpatia unânime, manifestada nas conferências de Lambeth pela Igreja Lusitana. Após a 2.ª guerra mundial e a transformação que o mundo sofreu com a subsequente melhoria na visibilidade dos problemas religiosos, a nossa Igreja começou a ser mais bem aceite nos meios internacionais e em 1958 foi possível sagrar o 1.º Bispo da Igreja Lusitana, com a presença de 3 Bispos. Em 1961 foi sagrado o 2.º Bispo com a presença de 6 Bispos. D. Daniel de Pina Cabral, ainda que, oficialmente, não possa ser considerado o 3.º Bispo da Igreja Lusitana, mas, de facto ligado a ela estreitamente por laços íntimos e extremos, foi agora sagrado por 11 Bispos, vindos de diferentes partes do mundo.

E' o pleno reconhecimento universal da Igreja Lusitana!

L. de Figueiredo

O DESPERTAR

BOLETIM RELIGIOSO DESTINADO AOS
FIÉIS DA IGREJA LUSITANA

Director — L. DE FIGUEIREDO

Corpo Redactorial:

SAUL DE SOUSA — Redactor principal
JOÃO SOARES DE CARVALHO
DAVID RODRIGUES PEREIRA

Correspondentes:

Porto — A. FERREIRA ARBIOL
Rua do Cativo, 6 — PortoBrasil — OCTACILIO M. DA COSTA
Edifício Pio XII, Apt. 207 — Petrópolis,
Rio de Janeiro

Redacção — Calçada das Lages, 6 — Lisboa

Administração — F. V. D' OLIVEIRA — Rua
do 1.º de Maio, 54, a.º — V. N. de GaiaComposição e impressão: Empresa Técnica de
Tipografia, Lda. — Vila Franca de Xira — Tel. 163NOTA: Toda a permuta deve ser enviada
à Redacção.

do desejo de actuar, desde o arranjo da Igreja e do culto, até ao trabalho missionário, à ajuda dos fiéis em necessidade, à perfeição de grupo como crentes e seguidores do Evangelho.

Estava-se em vésperas da sagração do Bispo D. Daniel.

Todos trabalhavam para que a sagração decorresse o melhor possível. Mas faltava um órgão capaz de se fazer ouvir, faltava um coro que cantasse — (o antigo, pela doença do seu director, estava igualmente doente), faltavam os panejamentos necessários para cobrir o altar e também os necessários para tornar mais confortável aquelas paredes frias, muito frias, mas, todavia sóbrias em sua arquitectura.

Mas que fazer se a Igreja é pobre?

Onde ir buscar as dezenas de contos necessários?

Começou por um membro da Igreja Baptista se prontificar a ajudar-nos no coro. E tão bem o fez, com tal maestria, dedicação e amor se lançou à prática do coro, que o canto foi sublime e enriqueceu a cerimónia e os corações. Bem haja o seu espírito fraterno, ecuménico e de amizade séria e desinteressada.

Depois foi o órgão. Fez-se o apelo à congregação num dos domingos. Apelo sem resposta, pensavam uns. Onde se iria buscar algumas dezenas de contos necessários para o comprar? Pois no dia seguinte, mesmo, apareceu o órgão. Um membro da Igreja-Catedral, que assistia ao culto e a quem um irmão seu havia falecido, ofereceu em sua memória, o órgão! Bem haja o seu espírito de boa vontade e de gratidão a Deus. Por tudo dai graças! Mesmo na tristeza da morte de um ente querido.

Em seguida foi o caso dos panejamentos necessários ao embelezamento da Igreja. O orçamento era incompatível. Com tristeza desistia-se da ideia. Mas a Sociedade de Senhoras, impulsionada pela sua presidente, dirigiu-se a quem era responsável pelo arranjo da Igreja e informou-o que as senhoras se prontificavam a oferecer os pane-

jamentos! Bem hajam por este espírito de iniciativa e decisão.

Outras muitas coisas ainda poderíamos dizer para confirmar a nossa tese de que o povo de Deus compreende o seu papel e procura ansioso cooperar nos trabalhos da Igreja. É a consciência da Igreja em marcha num todo, procurando primeiro que tudo, o Reino de Deus e a Sua justiça, e esperando com acção de graças, que tudo o mais lhe seja acrescentado, sem desânimos, sem perda de fé, sem perda de acção. É preciso vencer todas as contrariedades deste mundo, todos os obstáculos que aqui e ali sempre se levantam pelas imperfeições dos homens.

Para meditar...

Temos podido constatar que a juventude está interessada em dis-



O Deão da Catedral profere a absolvição geral durante a preparação

cutir os fenómenos religiosos. Aparece nas reuniões onde grupos das mais variadas formações procuram informar-se da problemática da Igreja e elucidar-se sobre o seu objectivo pragmático-social.

Mas esta juventude alheia-se das actividades culturais da Igreja, não está presente nos seus serviços divinos, nem parece interessar-se pela sua essência espiritual, não querendo integrar-se propriamente nos seus estudos bíblicos, litúrgicos ou sacramentais. Paradoxo, cujo significado nos foge.

Há de facto um contraste nítido entre estas duas atitudes. Se por um lado verifica a existência da Igreja no mundo, por outro alheia-se do exercício espiritual. Haverá uma falta de confiança na sinceridade do povo da Igreja e dos seus

homens, perante um conceito elevado da mesma Igreja? Parece que procuram um ideal superior que a Igreja, tal como está, não os satisfaz.

Há muito para meditar nesta situação complexa.

Falta de testemunho nosso, falta de acção directa, visível e convincente, falta duma fé viva, de humildade, de caridade, dum sentido místico espiritual? Por outro lado falta de compreensão por parte da juventude que não quer aceitar a linguagem da Igreja?

Responda quem o souber ou quem puder!

Grupos ecuménicos de discussão

Várias Igrejas têm aberto as suas salas a grupos de discussão em mesa redonda. Protestantes e católicos têm discutido, têm dialogado com visível proveito. Têm-se aberto, têm-se conhecido, têm-se informado melhor, dos pontos de vista dos outros e aperfeiçoado os seus próprios. Têm-se criado amizade, e o mais importante, a consciência e a responsabilidade, cada um, das suas próprias afirmações!

Não são verdadeiramente as diferenças dogmáticas que propriamente dividem os cristãos, apesar delas serem de facto a substância dessas divisões. O que está por detrás de tudo isto, a verdadeira força destruidora da coesão da família cristã é o orgulho e o que

resulta daí: as organizações rígidas, a vanglória de mandar, a intolerância, o medo de perder a autoridade individual e o exclusivismo, a mecanizada disciplina de partido humilhante e desumana, contrária à sã liberdade de que depende a existência da comunidade religiosa. Leiam, por favor, o livro de Hans Kung «A liberdade do cristão».

A dogmática é uma ciência em evolução. As palavras que definem os dogmas perdem com o tempo, o seu significado de origem, o seu sentido próprio. A verdade que o dogma deseja interpretar aparece por vezes camuflada. Além disto, a nossa compreensão do absoluto é uma grandeza variável em função dum melhor entendimento das coisas espirituais.

Ninguém é sábio aos seus próprios olhos.

É é nisto que o diálogo se revela extraordinário a todos os que experimentam conversar à mesa redonda e divagam livremente, sem ideias preconcebidas, sobre os assuntos que são ainda ponto de discórdia entre nós todos. Que no futuro sejam apenas pontos de divergência.

Paulo VI na recepção que deu por sua iniciativa aos protestantes quando da sua visita a Fátima, dirigiu-se-lhes só, sem mais ninguém, num pequeno quarto, com afabilidade e amor. E ao agradecer a sua vinda àqueles que lá foram, e bem poucos o fizeram, disse-lhes: «Agradeço muito o terem vindo, apesar de duas coisas aqui existirem, justificativas de uma recusa vossa: «A Madona e Eu».



Um aspecto da assistência

Este homem, chefe duma Igreja em cuja história dominou o absolutismo e a intolerância, falou com um conhecimento extraordinário dos problemas. Conhece os pontos difíceis que existem entre nós, o papado e a mariologia; mas, manifestou uma caridade e um amor que muitos protestantes, no seu arraigado ressentimento, são incapazes de apreender. A reforma de atitudes e de doutrina desta Igreja evolui sim, mas sem a velocidade que desejaríamos. O Concílio (não esquecer) apenas ontem se realizou. A história perpassa lenta sempre diante de nós. A vida infelizmente é muito curta.

Mas Graças a Deus porque sentimos cada vez mais que nos une a mesma ânsia de compreender o infinito de Deus e o Seu Amor por toda a Humanidade.

«Defensores» do Evangelho

Designar farisaico assim à primeira vista ao que nos parece pretenciosa ortodoxia, intolerância, egocentrismo, etc., pode-nos fazer cair em um erro grave, que importa injustiças lamentáveis. Certantes com um conhecimento muito justo das coisas e dos homens, criou uma figura de bondade e loucura, de altruísmo e de ridículo, que entenece e faz rir. É o retrato do homem que se arvora em defensor dos mais puros sentimentos de honra e do dever e com a lança em riste, montado numa pileca, se arremete furioso contra inimigos que uma fantasia mórbida cria de simples moinhos de vento, de rebanhos pacíficos, de vítimas imaginárias.

Este mundo, certamente, está cheio de perigos e maldades, con-

limites individuais e das suas próprias deficiências desejam meditar juntos na Palavra de Deus e considerarem-se irmãos, filhos do mesmo Pai. Mas para aqueles que se intitulam eles próprios, cheios de si, «defensores da Palavra de Deus», isto constitui puramente uma ameaça diabólica contra a sua cidadela.

As reuniões ecuménicas são para estes «defensores», Satanás em pessoa. E desta forma, toca a marchar, com Sancho atrás, a cumprir os seus deveres de cavaleiros. Não há dúvida que entenece tanto ardor e tanto entusiasmo...

Mas ao mesmo tempo esta triste, trágica e ridícula figura compromete-nos em face dum mundo agnóstico que nos espreita!

Administração

Continuamos a chamar a atenção de todos os fiéis da Igreja Lusitana para as dificuldades financeiras de «O Despertar». Este jornal só poderá continuar a aparecer em vossos lares se o compreenderdes, se o desejardes, se virdes a vantagem da sua publicação.

Esperamos pois que vós, membros da Igreja Lusitana, possais angariar assinaturas entre os vossos Amigos e conhecidos, e, além disto, enviarmos ofertas como auxílio indispensável de que necessitamos, visto que o preço das assinaturas é inferior ao seu custo.

Muito gratos aos que têm ouvido o nosso apelo e enviado os seus donativos.

Rev. António Pinto Ribeiro	100\$00
Vicente Braz	50\$00
Anónimo	50\$00
Total	200\$00

tra os quais Cristo nos ensina a vigiar constantemente e a orar. E aí de nós se o não fizermos. Mas está longe do senso comum brandirmos a espada às cegas, a torto e a direito, contra todos os fantasmas que nos aparecem ao caminho, e, querendo ter a primazia de entrar na lide, lançarmo-nos numa luta de loucos, deixando atónitos os pobres Sanchos, incapazes de nos chamar à realidade serena das coisas.

Vem isto a propósito dos assaltos intemperados vindos de várias bandas, não só do País como do estrangeiro, não só de protestantes como de católico-romanos, contra os diálogos ecuménicos, contra todos os encontros realizados entre membros de diferentes comunidades cristãs separadas e que simplesmente, cónscios dos seus



No claustro após a sagração

Por todos os motivos os nossos leitores apreciarão o artigo sobre «Sucessão Apostólica» que o rev.^{mo} dr. Daniel de Pina Cabral escreveu quando da sagração do presente Bispo diocesano D. Luís e que vem publicado no n.º 40 do «Despertar» (12-VIII-1962). Sendo o episcopado e a sucessão apostólica uma causa da divergência de conceitos entre as diferentes tradições reformadas, é oportuno pois tornarmos a publicar este artigo, escrito num estilo claro e em que pesa uma argumentação que deve ser considerada e meditada.

N. R.

Já no fim da cerimónia, a voz do velho bispo, cansada de muitos anos, e trémula de comoção, ouviu-se a dizer: «Irmãos, temos novo bispo, o meu sucessor. Demos graças a Deus». E logo o povo ergueu ao Céu o TEDEUM LAUDAMOS das grandes horas da Igreja. Fora sagrado e entronizado (como quem diz: empossado) o novo bispo, o homem jovem que, levado pelo ancião ao lugar da presidência, com voz firme e seguro gesto da cruz amplamente traçado sobre as cabeças dobradas dos fiéis, lançou a sua primeira bênção episcopal.

Antes desta expressiva cerimónia de sucessão no poder de governo da Igreja Lusitana, da transmissão do báculo (um cajado) do pastor de um rebanho particular para as mãos de quem lhe toma o encargo, outro momento houve, grandioso e tocante de mistério. O presbítero, eleito pelo clero e representantes do povo para ser bispo, tinha ajoelhado à entrada do santuário, e eis que seis bispos, de várias tradições, o circundam, graves e magníficos nas suas vestes estranhas de antiguidade. Estendem as mãos e as colocam

sobre a cabeça do homem humilhado na sua pequenez e indignidade («Domine non sum dignus»), e um deles, por todos, profere as palavras solenes: «Recebe o Espírito Santo para o ofício e ministério de bispo na Igreja de Deus, que agora se te comete pela imposição das nossas mãos, em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo. Amen». Dois dos bispos, conforme a sua tradição, cada um de sua vez, pronuncia a vetusta fórmula latina: «Accipe Spiritum Sanctum».

Foram dois momentos que nos ensinaram, como lição ao vivo, o sentido da sucessão apostólica.

Sucessão apostólica é o veículo e a garantia da continuidade do governo legítimo duma Igreja particular. O novo bispo não assume o poder senão por via de sucessão, numa cadeia que o vincula. Não é para o seu povo um senhor discricionário, mas o órgão duma tradição local que deve acatar. No caso feliz desta sagração, ficou bem revelado que o novo

bispo, ou seja, transmitiram-lhe missão e autoridade apostólicas dentro da Igreja Universal.

Não é mais só um bispo na sua Igreja; é bispo sucessor dos Santos Apóstolos, em todo o orbe cristão. Anglicanos e Ortodoxos, Católicos Romanos e Velho-Católicos, e até mesmo aqueles que, fiéis às suas tradições protestantes, vivem a fé à margem do ministério episcopal histórico, o terão como Bispo.

O mandato e a graça que recebeu, através da acção sacramental desses vários bispos, a sagração, são o mandato e a graça que Cristo confiou aos Seus Apóstolos, e estes transmitiram aos seus sucessores dispersos por todo o mundo.

O novo bispo sucede na linha sagrada dos mandatários duma missão universal. Por isso não usurpou a função nem para ela foi levado pela vontade isolada duma igreja particular, mas antes foi sagrado por outros bispos, ele é o ponto de ligação normal entre a sua igreja particular

e a Igreja Ecuménica, que esses outros bispos representavam na sua sagração. É assim o enviado de toda a Igreja à sua igreja, e o representante válido e aceite da sua igreja nos Concílios da Igreja Universal. É o órgão da unidade e da continuidade católicas, no tempo e no espaço. É a garantia

real, legada por Cristo às nossas almas, de que estando em comunhão com ele, como ovelhas fiéis no seu rebanho, estamos em plena e bendita união com a Santa Igreja Católica e Apostólica, confessada no velho credo da fé redentora.

Sucessão Apostólica

D. Daniel de Pina Cabral

bispo é o «meu sucessor», o que sucede no poder, e, por isso mesmo, sucede no respeito de todas as condições que a tradição local consagrou como barreiras limitativas e orientadoras do exercício desse poder. Não recebe tão somente o encargo duma função, herda com ela o espírito em que essa função deve ser praticada.

Lembremos, por outro lado, que o novo bispo já tinha sido eleito há muito: mas bispo só o passou a ser desde então, o que mostra claramente não ser ele um funcionário com poderes recebidos do povo, mas um pastor que foi «dado» ao povo para o servir, na sucessão de um outro pastor cuja boa carreira terminara. O povo e o seu clero o olharão, não como um oficial demissível a seu gosto, antes como pai e pastor, voz do amor que consola e ensina, báculo da disciplina a respeitar.

Estes aspectos da sucessão episcopal no governo duma igreja particular não esgotam, todavia, o conceito da sucessão apostólica, como veremos.

Na regularidade de tradição da Santa Igreja Católica, a cerimónia que recordamos não foi só uma entronização, um solene acto de posse eclesiástica. Foi bem mais do que isso. Seis bispos, originários de afastadas dioceses e diferentes costumes, impuseram-lhe as mãos e o sagraram

A imposição das mãos



ENTREVISTAS

COM ALGUNS PRELADOS DA IGREJA

Foi uma ocasião única na história da Igreja Reformada em Portugal, de tradição Católica, o encontro de um tão grande número de bispos entre nós. Afirmção eloquente da universalidade da Igreja, numa unidade que não quer ser contestada. Não podíamos pois perder a oportunidade de entrevistar alguns destes prelados e interrogá-los sobre os assuntos palpitantes do momento.

Visto que a maior parte dos nossos ilustres visitantes partiam em seguida para Madrid, onde iam assistir à sagração de D. Raimon Taibo, bispo da Igreja Reformada Espanhola Episcopal, os nossos redactores, no pouco tempo que tinham disponível, procuraram rapidamente, a seguir à cerimónia, cada um, o prelado que lhe havia sido designado.

Ainda que todos os nossos companheiros de trabalho tivessem a liberdade de fazer as perguntas que entendessem e que fossem sugeridas no decorrer da entrevista, esta tinha como objectivo primordial o significado da sagração de D. Daniel para bispo da diocese dos Libombos e as perspectivas que se abriam para esta diocese, e a importância do episcopado na tradição da Igreja.

ENTREVISTA COM O ARCEBISPO DO CABO

Ainda ecoavam em nossos corações os cânticos de louvores do Te-Deum, quando, no próprio claustro da velusta catedral de S. Paulo, abordámos Sua Ex.^a Rev.^{ma} o Senhor Arcebispo da Cidade do Cabo, D. Roberto S. Taylor. Era manifesta a satisfação do ilustre prelado pela forma como toda a cerimónia havia decorrido e pela beleza litúrgica dos cantos que não podia esquecer. Com visível sinceridade nos disse quanto gostaria ter assistido à sagração num simples banco, no meio dos fiéis, sem a responsabilidade de bispo sagrante. «Como tudo devia ter sido lindo, visto da nave da Igreja».

Entrando propriamente no assunto que nos levava a entrevistá-lo, declarou-nos que compreendia muito bem o desejo de saber dele próprio toda a problemática que envolvia a sagração episcopal de um

presbítero da Igreja Lusitana para a diocese de Libombos, que depende da sua jurisdição, e que tinha todo o prazer em responder às nossas perguntas.

Quais as perspectivas que a sagração de um bispo português abre para a diocese de Libombos?

Esta missão foi fundada há cerca de oitenta anos. Tem crescido a pouco e pouco e hoje abrange cerca de quarenta mil membros, com ministros nativos e uma vida religiosa marcante. É agora uma grande oportunidade para esta diocese da província de Moçambique, parte integrante da nação portuguesa, ter alguém



Arcebispo da Cidade do Cabo, rev.^{mo}
D. Roberto S. Taylor

de Portugal a dirigi-la com um conhecimento mais perfeito da vida das populações nativas num ambiente português.

Como entende a noção de Igreja Nacional dentro do aspecto geral da catolicidade da Igreja?

As duas características não são antagónicas, uma cabe na outra. A nacionalidade da Igreja, no conceito de cultura e costumes locais, não se opõe de maneira alguma ao sentido muito amplo da universalidade da Igreja de Cristo. Há uma necessidade para todas as Igrejas numa orientação comum, ainda que liberal e

não dominadora ou deformadora dos dons próprios de cada uma. A Igreja tem de ser unida se quiser realizar o Evangelho. Hoje tivemos aqui um exemplo da unidade da Igreja. Onze bispos vindos das mais diversas partes do mundo, de tradições diferentes, aqui estiveram sagrando um bispo português. Testemunharam o acto padres católicos romanos e orientais, ministros presbiterianos e metodistas. Ainda não é tudo, mas já é uma esperança da unidade que o futuro nos reserva, embora não no sentido da uniformidade.

O que pensa sobre o movimento ecuménico?

Sou um adepto fervoroso do ecumenismo. Em Moçambique a repercussão do movimento ecuménico não é tão evidente como em Angola. Em todo o caso já há indícios auspiciosos de que o movimento venha a progredir. O nosso novo bispo, com a sua mentalidade ecuménica, e na posição em que a Igreja Lusitana se encontra, entre as Igrejas Protestantes e a Igreja Católica Romana, muito poderá contribuir para uma acção construtiva entre as diversas Confissões.

No encadeamento das ideias as perguntas sucediam-se a talhe de foice. É do conhecimento geral que a sucessão apostólica constitui uma grande dificuldade para muitos dos nossos irmãos doutras tradições. Mesmo os que concordam com o episcopado histórico, receiam a perpetuidade do cargo num indivíduo em quem a idade, a falta de saúde, a indolência, etc., possam paralisar a actividade evangelizadora. O nosso ilustre entrevistado, ao ser abordado este assunto, tomou súbitamente uma atitude séria, revelante da importância da questão que estávamos a expôr.

Que pensa sobre o problema do episcopado nas conversações em curso entre a Igreja Anglicana e as Igrejas Protestantes?

A grande autoridade e eficácia do episcopado na história da Igreja está ligada à sucessão apostólica. Nós cremos na acção do Espírito Santo na escolha e sagração de um bispo e na presença de Cristo em toda a Igreja. Deus não nos deixa sós e guia-nos constantemente quando, humildes, n'Ele pomos a nossa confiança. No entanto certos problemas podem ser solucionados pelos regulamentos das diversas Igrejas, conforme as suas tradições, condicionando o limite da idade do exercício activo e tendo presente que o bispo dirige a Igreja através de um sínodo em que tomam parte o clero e os fiéis. Não se

pode esquecer igualmente que o Conselho dos Bispos vela pelo consenso geral da Igreja, cabendo-lhe em última instância as responsabilidades da evangelização. Neste aspecto é necessário estabelecer o diálogo com todos os nossos irmãos evangélicos. Penso que as divergências resultam muitas vezes da falta de esclarecimento de parte a parte. E neste assunto do episcopado mais que noutros impõe-se a necessidade de um diálogo para esclarecer ideias erradas.

Tínhamos chegado ao fim da nossa entrevista. Despedimo-nos do senhor Arcebispo que manifestou mais uma vez o seu regozijo de estar entre nós e de a diocese de Libombos ter num futuro próximo à sua frente um digno prelado português.

ENTREVISTA COM O BISPO DOS LIBOMBOS

A escolha de um português para Bispo Sufragâneo terá profundas repercussões na vida da Diocese; que espera da sua acção?

O senhor D. Daniel visitou recentemente a Missão e a todos se impôs pelas suas qualidades de inteligência e de simpatia. Será portanto bem recebido.

Terá a possibilidade de estabelecer contactos com a população europeia, sobretudo em Lourenço Marques e em João Belo, e de lhe transmitir a nossa mensagem.

Graças à sua formação jurídica e à vivência da maneira de ser portuguesa, muitos problemas levantados pela aplicação das leis poderão ser melhor compreendidos e solucionados. Os contactos com as autoridades serão muito mais fáceis.

Em Lourenço Marques há 3 igrejas uma delas erigida especialmente para anglicanos de língua inglesa mas onde se celebram igualmente ofícios religiosos em português. Outra igreja semelhante existe na Beira, esta também usada por uma congregação protestante portuguesa. A maior parte da assistência religiosa é prestada em capelas disseminadas pelo mato, as congregações que são em número de 100 a 300 pessoas, muitas sendo apenas visitadas por um sacerdote de mês a mês. O número total de fiéis é cerca de 40 000 e o clero compõe-se de 25 sacerdotes e diáconos.

A Diocese dos Libombos foi fundada no século passado e abrange todo o território de Moçambique desde 1959. Nesse ano, o Arceprelado de Messumba, que estava incorporado numa diocese da antiga Niassalândia, passou para a sua jurisdição. O seu campo de acção distribui-se por 5 núcleos, respectivamente, nos dis-

tritos de Lourenço Marques, onde existe a cordilheira de montanhas que dá o nome à Diocese, Gaza, Inhambane, Beira e Niassa. O núcleo mais importante é o de Gaza.



O bispo diocesano dos Libombos, Dom Stanley Pickard, de nacionalidade britânica, tem 57 anos de idade e é solteiro. Foi ordenado sacerdote em 1937 e trabalhou na diocese de Southwark em Inglaterra, 2 anos mais tarde ligou-se à U. M. C. A. e foi como missionário para a Niassalândia, hoje Malawi, onde esteve até 1948. Nesse ano veio para Lisboa a fim de estudar português após o que, em 1949, foi nomeado Arcebispo de Messumba, no norte de Moçambique, circunscrição eclesiástica na altura ainda dependente da diocese na Niassalândia. Foi sagrado bispo dos Libombos em 1958.

A sede da Missão é em Maciene onde se encontra também a Catedral e o Seminário. Esta estação possui Escola Primária, com internato, o «lar escolar», hospital, oficinas de tipografia e de carpintaria e granja modelo. Embora sem carácter oficial ministra-se na escola um ensino «pós-primário» de preparação para o ensino secundário e o primeiro ciclo do liceu. Existem outras escolas primárias, por exemplo, 2 no distrito de Inhambane e outra em Messumba, no Niassa, que têm uma frequência de 800 alunos. Ao todo, frequentam as escolas cerca de 4000 alunos.

Na estação de Messumba existe um hospital, infelizmente sem médico, e onde trabalham 2 enfermeiras europeias. Quando há anos o vosso Bispo D. Luís visitou este centro teve ocasião de recordar, de forma assaz activa, a sua passada vida clínica...

ENTREVISTA COM O BISPO DE GIBRALTAR

Com paternal afabilidade, o Bispo de Gibraltar recebeu-nos na manhã seguinte à da sagração, na residência particular on-

de estava hospedado. Após informal troca de impressões começamos por perguntar:

Senhor Bispo, os leitores de «O Despertar» não estão muito informados sobre a sua diocese; poderia descrevê-la em traços gerais?

A diocese foi criada em 1842 englobando, nalguns casos, capelanias já existentes como por exemplo, a de Lisboa que data do século XVII. É muito vasta geográficamente. Estende-se desde as margens do Mar Cáspio até aos arquipélagos da Madeira e das Canárias, abrangendo a Turquia, os países balcânicos, a Itália, o sul da França, a península ibérica e as ilhas mediterrânicas. Neste imenso território existem cerca de 60 capelanias servidas por 35 capelães mas a sua distribuição é irregular cabendo maior número ao sul da França e à Itália. Em território português existem 4, respectivamente, no Funchal, em Lisboa, no Porto e no Estoril

Durante muito tempo, os contactos entre a Igreja Lusitana e a Diocese de Gibraltar estabeleceram-se a nível meramente individual. A inexistência de relações oficiais de intercomunhão entre a Igreja Lusitana e a Igreja de Inglaterra e um



O reverendíssimo senhor Dom Stanley Eley, Bispo de Gibraltar, licenciou-se pela Universidade de Leeds e cursou teologia na escola da Comunidade da Ressurreição, em Mirfield, Inglaterra. Após ter sido coadjutor em várias paróquias, de 1934 a 1946 ocupou o cargo de Secretário da Diocese de Londres. Nesse último ano o Arcebispo de Cantuária escolheu-o para seu Capelão e em 1948 foi nomeado pároco de Kensington, em Londres, lugar em que se manteve até à sua eleição episcopal. Foi ainda sagrado bispo de Gibraltar em 1960

(Continua na pág. 15)



Entidades oficiais presentes na cerimónia: da esquerda para a direita o Sub-Secretário da Administração Ultramarina, os Embaixadores da África do Sul e da Grã-Bretanha e o Prof. Doutor Marcelo Caetano

A SAGRAÇÃO SUFRAGÂNEO

Uma nova ênfase da Eucaristia

Uma das surpresas do dia da sagração de D. Daniel, a todos quantos entravam no conhecido e histórico templo da Catedral de S. Paulo, foi a nova disposição do altar no meio do transepto. Inovação? Novo sentido litúrgico? Nova ênfase deste santo sacramento?

De facto nem inovação, nem propriamente novo sentido litúrgico, mas sim uma melhor expressão do sacramento da Eucaristia, uma ênfase do seu significado comunitário. Coloca-se o povo de Deus ao redor da Santa Mesa do Senhor, onde, antes de morrer, reunira à sua volta todos os Seus discípulos e lhes dera pão e vinho, unindo-os para sempre à Sua carne e ao Seu sangue e à Sua gloriosa ressurreição, numa aliança indestrutível de Deus com a Humanidade.

Não está já o altar, que é símbolo do sacrifício de Cristo, lá longe, na abside da Catedral, distante e separado por uma «grade». O altar está agora no meio do povo, envolto pelos fiéis, numa aproximação simbólica.

(Continua na última coluna desta pág.)

Entrega da Bíblia



A sagração de D. Daniel de Pina Cabral, foi acontecimento festivo e histórico para a Igreja Lusitana. É de facto sumamente honroso que um dos nossos clérigos — e pequena comunidade nós somos — fosse escolhido para uma diocese, onde a multiplicidade e complexidade dos problemas que a afligem, exige dos seus pastores, sabedoria, fino conhecimento das coisas e dos homens, enorme devoção e piedade. Abrem-se novas perspectivas para a Igreja Lusitana. Julga-se que o senhor D. Daniel, num futuro mais ou menos próximo, virá a ser o diocesano dos Libombos e que se poderão estabelecer negociações em ordem à união da diocese com a Igreja Lusitana. Esta verá assim aumentada a sua projecção. Por outro lado, a sagração teve lugar na nossa Catedral que, para o efeito, canonicamente funcionou como templo da Igreja da Província da África do Sul, à qual pertence a diocese moçambicana.

Foi uma cerimónia bela e imponente. Vários factores concorreram. Por graciosa anuência do senhor Arcebispo da Cidade do Cabo a maior parte da liturgia foi em português, sendo o nosso Bispo o Oficiante. Seguiu-se o Rito Revisto da Igreja Lusitana na celebração da Eucaristia e o Ordinal sul-africano na sagração. O Coro da Catedral, sob a regência de João Pinto de Carvalho teve valiosa actuação. A música executada, em grande parte da autoria do dr. Leopoldo de Figueiredo, a quem coube também a orientação geral do Coro, mereceu entusiásticos e elogiosos comentários de muitos dos visitantes. Foi Mestre de Cerimónias o rev. dr. Donald Lopes. A sua presença, eficiente e quase despercebida, revelou o cuidado minucioso e exaustivo posto na preparação da solenidade.

A sagração teve lugar no dia 25 de Maio, Festa da Instituição da Eucaristia, festa guardada pela Igreja da África do Sul.

Bem cedo a nossa catedral se encheu e pessoas da mais diferente posição religiosa e social, lado a lado, formaram multidão em que era visível a expectativa e o interesse pela cerimónia. Era a primeira vez que o templo ia ser usado após importantes obras de remodelação que, sem alterar a harmonia das suas linhas seiscentistas, permitem mais adequada utilização do espaço.

Pouco antes das 10h. e 30m. o Deão, rev.^{mo} João Soares de Carvalho, e o seu coadjutor, rev. Nelson Horta, receberam junto do pórtico da catedral as entidades oficiais, srs. Sub-Secretário de Estado da Administração Ultramarina, e Embaixadores da África do Sul e da Grã-Bretanha, e conduziram-nos aos respectivos lugares, no transepto, do lado do Evangelho. Aí já se encontrava, envergando as vestes doutorais, o prof. doutor Marcelo Caetano, catedrático da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa, de quem o novo bispo foi discípulo.

O rev.^{mo} Soares de Carvalho dirigiu-se então para junto do altar e convidou os fiéis a recitarem a preparação. Terminada esta, soaram no órgão os acordes do in-
troito, o hino de Lutero «Castelo forte é nosso Deus». Precedido por um cruciféraro, ladeado por dois porta-velas, entrou numeroso grupo de leitores e de pregadores licenciados da Igreja Lusitana, entre os quais o pai do novo bispo, sr. Joaquim de Pina Cabral. Seguiram-se os representantes de outras confissões cristãs, rev. Tyson, capelão, em Lisboa, da Igreja da Escócia, o rev. Bronkema, dos Grupos Ecuménicos, o Superintendente da Igreja Evangélica Metodista Portuguesa, rev. Aspey, os revs. P.^{os} dr. Mendes Cruz e José Mitchell, e o Cónego Gregório Neves que representava oficialmente o sr. Cardeal Patriarca. O P.^o Mitchell, que está ligado ao rito bizantino, trajava vestes próprias dos sacerdotes da cristandade oriental e o Cónego Neves vinha revestido com os

O Bispo dos Libombos



O DO BISPO DOS LIBOMBOS

Dr. David Pereira



paramentos joaninos, tradição da Sé Patriarcal de Lisboa. Logo atrás caminharam diáconos e presbíteros da Igreja Lusitana e clérigos de Igrejas com as quais há inter-comunhão. Entre eles o bispo-eleito da Igreja Espanhola, D. Ramon Taibo (sagrado dias depois em Madrid). Precedidos pelo rev.^m Pina Cabral vinham a seguir os Bispos co-sagrantes, D. Francisco Reus-Froylan, de Porto-Rico, D. João Boys, de St. Alban, Inglaterra (antigo bispo dos Libombos), D. Stanley Eley, de Gibraltar, D. Estevão Bayne, ordinário das capelarias europeias da Igreja Episcopal na América, D. João Higgins, de Rhode Island, E. U. A., representando o Bispo Primaz da mesma Igreja, D. Gordon Savage, de Southwell, Inglaterra, representando os Arcebispos de Cantuária e de Iorque, D. Urs Küry, de Berna, representando o Arcebispo de Utreque e D. Francisco Moncreiff, Primaz da Escócia. Em último lugar entraram os Ministros da Eucaristia, um leitor, servindo de Sub-diácono, o Diácono, rev. Mário Varela e os Bispos, D. Stanley Pickard, dos Libombos, D. Luís Pereira, da Igreja Lusitana, e, precedido de capelão com a cruz arqui-episcopal, o sagrante, D. Roberto Taylor, Arcebispo da Cidade do Cabo e Primaz da Igreja da Província da África do Sul.

Depois dos Ministros terem ocupado os seus lugares a congregação entoou o «Kyrie» e o «Gloria in excelsis» e logo o Oficiante deu graças pela instituição da Eucaristia e orou por todos os bispos e em particular por aquele que ia ser sagrado.

Seguiu-se o Ministério da Palavra. No atril, um leitor e o Sub-diácono leram respectivamente, a Profecia (Isaiás cap. 61), e a lição em lugar de Epístola (Actos cap. 20. 17-35), e o Diácono leu, do púlpito, o Evangelho (S. João cap. 21. 15-17). O sermão foi proferido pelo Bispo dos Libombos. Em palavras expressivas, salientou o significado da sacração do rev.^m Pina Cabral, de quem fez o elogio, e desenvolveu considerações sobre os deveres episcopais.

Após o Credo, o Cónego Eduardo Moreira, em representação dos presbíteros da Igreja Lusitana, conduziu o bispo-eleito aos Bispos da Igreja Lusitana e dos Libombos que o apresentaram ao Arcebispo-Primaz. O rev.^m Pina Cabral prestou então o voto de obediência.

De novo o Oficiante exortou a congregação a orar e o rev. Borba da Silva, que sucedeu a D. Daniel na Paróquia do Bom Pastor, veio para o começo da nave e recitou com o povo a ladainha.

Findo o Exame, o Bispo-eleito pôs as restantes vestes episcopais e o povo cantou o hino «Veni Creator Spiritus».

Em seguida, o Arcebispo sagrante e demais Bispos presentes impuseram as mãos sobre o Bispo-eleito. O Arcebispo entregou-lhe a Bíblia, e o anel, após o que a celebração da Eucaristia prosseguiu. Concelebraram, o Arcebispo da Cidade do Cabo, os Bispos da Igreja Lusitana e dos Libombos e o seu novo Bispo Sufragâneo.

Na procissão do Ofertório, o pão e o vinho foram trazidos pelos dois filhos mais velhos do rev.^m Pina Cabral.

Depois da Comunhão o Arcebispo impôs a mitra e entregou o báculo ao novo Bispo: em seguida o diácono proclamou: «Irmãos! O Povo de Deus tem um novo Bispo. Dêmos graças ao Senhor!» E logo a congregação cantou o hino «Te Deum Laudamus».

Terminado o cântico, todos ajoelharam, e o novo Bispo deu a sua primeira bênção.

Após momentos de profundo silêncio o Arcebispo conduziu o rev.^m Pina Cabral ao longo da nave, precedendo os outros Bispos e restante clero, dirigindo-se todos para o claustro onde o sr. D. Daniel foi cumprimentado pelas autoridades oficiais e por todos os presentes.

Representantes de outras comunidades Cristãs que assistiram à cerimónia, da esquerda para a direita, Cónego Gregório Neves da Sé Patriarcal de Lisboa, rev. Mitchell, sacerdote católico do rito bizantino, rev. Tyson, da Igreja Presbiteriana da Escócia, rev. Aspey, Superintendente da Igreja Evangélica Metodista Portuguesa, rev. Bronkema, da Igreja Presbiteriana dos E. U. A. e P.^o dr. Mendes Cruz.

(Continuação da primeira coluna desta pág.)

A Igreja mantém vivo, eterno o sacrifício de Cristo. Se ele não for actual como na noite do Calvário, se fugirmos ou se o traímos, como poderemos reviver a Sua ressurreição, a Sua glória? Como poderemos, com toda a Igreja militante, com toda a Igreja triunfante, cantar aleluia e sentir, em toda a sua plenitude, a graça do Reino de Deus?

Actual? no que é eterno não há tempo nem espaço. Mil anos aos olhos de Deus, são como o dia de ontem que passou. Toda a vida de Cristo, todo o Seu sacrifício, morte e ressurreição perpassam por nós na realidade palpável do que é eterno, daquilo que foi ontem, que é hoje e que será sempre.

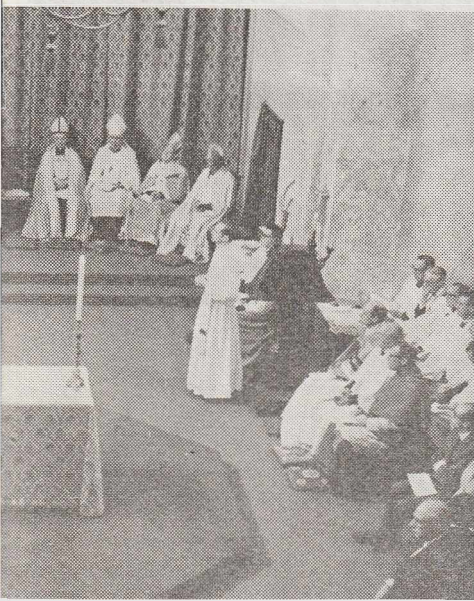
As novas gerações estão cheias de boa vontade, do desejo de justiça e de amor. A sua revolta, saída deste sentimento pode ser desvirtuada e o será se a Igreja não actualizar o Evangelho, se não o movimentar num sentido existencial, se não

(Continua na pág. 15)

Durante o Te Deum



proferindo o sermão





No fim da cerimónia, o Arcebispo na cabeça do Cabo, conduz pela mão o novo bispo

O dr. D. Daniel de Pina Cabral nasceu em Vila Nova de Gaia em 1924 na terceira geração duma família de membros fervorosos da Igreja Lusitana. Seu avô paterno foi íntimo colaborador de Diogo Cassels. Partilhava inteiramente a sua posição doutrinária, apoiando-o na sua extraordinária obra pastoral de que ainda se colhem os frutos. Seu pai, que também com ele largamente privou, leigo proeminente da Paróquia de S. João Evangelista, pregador licenciado da Igreja, tem caracterizado a sua actividade pelo desassombro das afirmações e a generosidade da entrega devotada a uma causa.

As ideias de Diogo Cassels sobre qual deveria ser a orientação da Igreja Lusitana encontraram ressonância na família Pina Cabral e tornaram-se de algum modo sua tradição. O novo bispo foi por ela profundamente influenciado.

Teve Diogo Cassels uma vivência muito própria do cristianismo. Presbítero da Igreja, pugnou por uma mensagem católica e evangélica, aquela expressando-se, às vezes, em formas que escandalizavam alguns, esta demonstrando-a a par e passo pelo exemplo pessoal. Passou a vida dando-se ao seu semelhante. Interesses, posição social, bens, tudo consagrou a Cristo num despojamento que diríamos franciscano.

Após os estudos secundários no Porto, o sr. D. Daniel frequentou a Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa, licenciando-se em 1947. Enquanto estudante, na Capital, tomou parte muito activa no Movimento Académico Cristão, agrupamento interessado no exame e discussão de problemas religiosos, e em actividades de assistência social. Logo aí se evidenciou o seu poder de crítica inteligente e de análise rápida e penetrante. Era um dos mais úteis elementos nas sessões do grupo.

Depois da licenciatura partiu para Inglaterra onde cursou durante algum tempo o London College of Divinity, agrupado à Universidade de Londres, e de que era então director o actual Arcebispo de Lorque, Doutor Donald Coggan. Também na altura, era capelão nessa faculdade o rev. Hooper, agora membro da direcção da Sociedade Auxiliadora das Igrejas Peninsulares.

Foi ordenado Diácono em 5 de Outubro de 1947, e Presbítero em 2 de Maio de 1949, pelo Arcebispo de Armagh, D. João Gregg.

Nomeado coadjutor da Paróquia de S. João Evangelista, Vila Nova de Gaia, foi em seguida designado Ministro auxiliar da Paróquia do Salvador do Mundo, e depois Pároco da Igreja do Bom Pastor, ambas também em Gaia. Nestas duas paróquias desenvolveu acção notável tanto na assistência pastoral aos respectivos fiéis como na reorganização e estruturação das actividades paroquiais.

Com o rev. Cónego Moreira, o actual Bispo Diocesano, o Director do Despertar e outro, organizou a Conferência de Estudos em Prol da Igreja (C. E. P. I.) realizada em Gaia de 4 a 6 de Janeiro de 1950. A C. E. P. I. Foi um dos pontos de

plano de reorganização administrativa que estabeleceu e que logo foi aceite, tornou possível uma boa parte do clero passar e trabalhar em tempo integral. No Sínodo de 1965 foi escolhido para Arcipreste no Norte.

Na profissão secular subiu bastante depressa, não só em categoria hierárquica como também na estima e respeito daqueles com quem trabalhou, os quais talvez sentissem por detrás do advogado e administrador competentíssimo, o Ministro de Deus que vivia a sua vocação sacerdotal no trabalho secular em que estava empenhado.

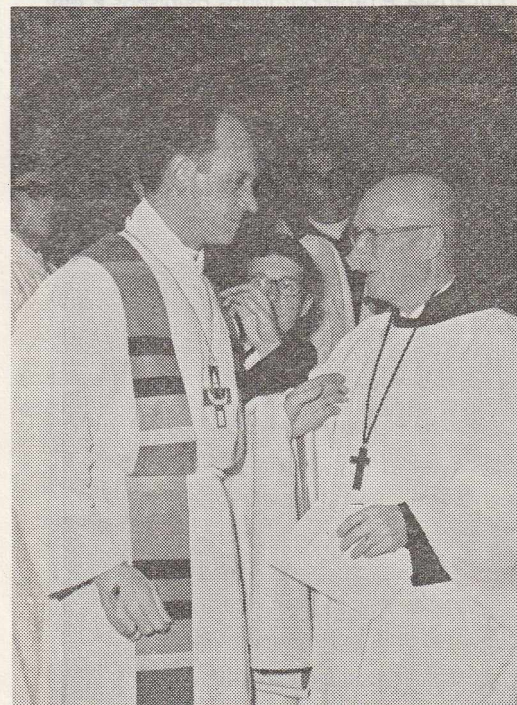
O Bispo D. Daniel é casado e pai de 4 filhos. Dinâmico, impulsionador, alegre de temperamento, sintónico no entanto, possui uma personalidade de chefe e de organizador. Orador brilhante, com enorme clareza de ideias e de expressão é também um argumentador de grandes recursos, temível pela subtilidade e ironia das suas respostas. Idealista, de heróica firmeza e coerência nas suas convicções, o Sacerdócio, sua suprema vocação, foi para ele a maneira de se dar e tem-se oferecido largamente. Dotado de sensibilidade artística orientada para a arte dos nossos dias, deixou o seu nome ligado à construção e remodelação dos templos de

Oliveira do Douro, Prado e Candal.

A sagração de D. Daniel foi feita tendo já em vista a sua ascensão a Diocesano e a possibilidade da Diocese se unir à Igreja Lusitana.

A transcendência deste acontecimento para a nossa Igreja está bem à vista. É uma nova vocação que se lhe depara, uma vocação ao mesmo tempo católica e portuguesa.

Após a cerimónia o sr. D. Daniel conversa com seu pai



Notas biográficas

de

D. Daniel, Bispo Sufragâneo dos Libombos

viagem histórica da Igreja Lusitana. Ai foram debatidos importantes problemas e estabeleceram-se pontos de partida para maiores reflexões e tomadas de consciência que profundamente renovaram a vida da Igreja.

Uma das consequências da C. E. P. I. foi a criação do Movimento de Revigoração da Igreja (MORI) e como não podia deixar de ser logo vemos o dr. Pina Cabral como membro da Comissão directiva. Iniciou-se a publicação do boletim do MORI. «O Despertar», cabendo-lhe a redacção dos editoriais. Alguns dos seus artigos causaram surpresa e sensação, choque sempre observado ao proclamar uma verdade que por não ter sido anunciada durante muito tempo se tornou esquecida.

Dentro das tarefas que o MORI se propôs realizar e que deixaram na Igreja resultados indelévels e fecundos, coube mais particularmente ao dr. Pina Cabral a revisão dos Cânones, trabalho que levou a cabo com a segurança própria dum jurista conhecedor.

Cedo entrou para a Comissão Permanente do Sínodo. Em 1960 foi nomeado Secretário Administrativo da Igreja. O

Recensão Literária

Rev. Cónego Eduardo Moreira

Evidentemente, não devo vir aqui para agradar nem para desagradar a Autores, mas fundamentalmente para orientar leitores e por vezes colaborar com as ideias expostas. Os autores conscientes, oxalá o sejam todos, saberão apreciar uma tal atitude. Para que serve a lisonja? A sinceridade, de alma lavada, faz bem a todos.

Para um Estatuto da Educação Nacional, por Inocêncio Galvão Telles. Gabinete de Estudos e Planeamento da Acção Educativa, Lisboa, 1966.

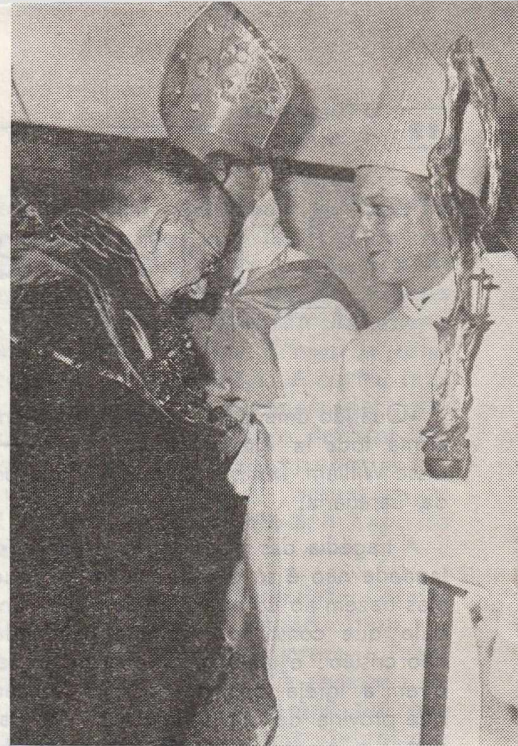
Esta comunicação, feita em 16 de Dezembro passado, por S. Ex.º o Ministro da Educação, vem dar-nos grandes esperanças acerca duma acção que é fundamental na vida da Nação. Muito elucidativo, tudo se nos diz com extrema clareza. Cumpre-nos aqui salientar que, no método adoptado para a sistematização do referido projecto dum estatuto da educação, se reuniu a religiosa com a moral, a cívica, a artística e a física, «ou sejam aqueles meios que tendem não tanto a desenvolver a inteligência como a actuar sobre outros atributos da personalidade, despertando virtudes éticas e sociais, aperfeiçoando sentimentos estéticos, dando ao corpo vigor e harmonia» (pág. 30). Isto assim bem expresso parece significar que ao Estado incumbe só cuidar, no que diz respeito a matéria religiosa, nos seus aspectos éticos e não doutrinários, pois estes competem aos agregados religiosos, ou corpos eclesiásticos. Adiante se diz manter o projecto «o justo equilíbrio entre a tradição e a inovação, entre o respeito do passado e a auscultação do futuro», pelo que «afirma a sua fidelidade a constantes históricas que se confundem com o próprio modo de ser da comunidade lusitana, proclamando solenemente, como o faz a Constituição Política, que a educação nacional se orienta pelos princípios da doutrina e da moral cristã, tradicionais do País...» etc. (p. 32). De facto a Constituição Portuguesa coloca a ética

cristã acima da Lei Civil, reconhecendo entretanto a liberdade do exercício de cultos, tendo-se verificado ultimamente esse respeito de maneira notável para com a religião muçulmana na província da Guiné. Quanto à tradição cristã, na sua realização católica, não entra, evidentemente, na parte em que se vai exercer, em matéria de ensino, no domínio da exegese confessional.

Alguns apontamentos apresentados na celebração do 90.º aniversário da inauguração do Templo do Mirante, 25 de Março de 1967, por Albert Aspey.

O rev. Superintendente da Igreja Metodista em Portugal prestou um bom serviço ao movimento cristão reformado com a publicação deste elegante op. de 22 páginas onde, com evidente treino narrativo, nos relata o resultado das suas úteis pesquisas históricas. Depois dos dois volumes da colecção «Oikoumene» (para a qual está em preparação um 3.º vol. — «A Lavra e a Palavra» — nada de vulto se publicara além do belo trabalho do dr. Michael P. Testa «O Apóstolo da Madeira», comemorando o 125.º aniversário da chegada do dr. Kalley àquela ilha, em Outubro de 63, e pequenos folhetos a que se fará referência. O rev. A. Aspey começa o seu interessante opúsculo por nos prometer «dentro de algum tempo editar um trabalho sobre a história do Metodismo em Portugal». Aguardemo-lo com gratidão antecipada, pois tais iniciativas, talvez por vezes incompreendidas, estão na base de outros mais visíveis empreendimentos.

Ora et Labora, revista litúrgica beneditina. Ano XIV, n.ºs 1-2,



O prof. doutor Marcelo Caetano felicita o seu antigo discípulo

1967. Esta excelente revista de Singeverga, desde onde se procura fazer ressurgir os dias em que a Ordem de S. Bento viveu com honra e proveito, nas nossas terras, traz no presente número, com cuidadoso desenvolvimento, «A Pastoral litúrgica das Igrejas Evangélico-protestantes de Angola», pelos nossos amigos, missionários naquela província portuguesa, os revs. Lawrence W. Henderson e A. Pinto Ribeiro Júnior. Ao favor deste último devemos o exemplar carinhosamente examinado. Aos estudiosos deste ramo da Teologia recomendamos as 137 páginas do n.º duplo, assim como fizemos acerca do «Venite Exultemus». Unhámos as palavras finais do artigo aqui particularmente destacado: «Nota-se um fio de unidade através de toda esta variedade de formas na expressão pastoral litúrgica das Igrejas Evangélico-Protestantes de Angola. Este fio é o lugar preponderante das Sagradas Escrituras em todos os actos do culto». Mas não podemos separar-nos deste volume sem reproduzir as palavras de um sacerdote negro

(Continua na pág. 14)



Um aspecto da assistência vendo-se em primeiro plano, da esquerda para a direita, D. Daniel, o então bispo-eleito da Igreja Espanhola, o representante do senhor Cardeal Patriarca de Lisboa e a família do novo Bispo

A Igreja em Plenitude

Rev. A. Pinto Ribeiro

«Quando uma parte da Igreja entra em cisma toda a Igreja fica em cisma» — disse William Temple, falecido Arcebispo da Cantuária.

A tragédia das nossas divisões na cristandade não é só o enfraquecimento que elas trazem ao corpo da Igreja e o escândalo que constituem perante o mundo não cristão: é também o facto de impedirem a Igreja toda de gozar a bênção que proviria da participação dos carismas e graças especiais concedidas às partes agora separadas.

Cada uma dessas partes da Igreja se pode chamar católica, na medida em que mantém, confessa e propaga, na sua integridade, a Fé Católica, segundo as Escrituras e os Credos da catolicidade. Cada uma delas poderia até fazer suas as palavras que a Comunhão Católica Roma-

Quando, porém, se unir, no Senhor, então tudo na Igreja será de toda a Igreja.

Agora, na tragédia dos nossos cismas, até parece que temos medo de dar do melhor que temos às Comunhões separadas e receber delas o melhor que têm. E quanto perdemos assim!

Há dimensões e ênfases teológicas, litúrgicas e eclesiais que umas comunhões têm mas de que outras carecem. Na sua vivência em latitudes, climas, etnias e culturas diversas, as várias partes da Igreja têm obtido, sob o Espírito Santo, riquezas de grande beleza e valor que, todavia, não são gozadas pela totalidade da Igreja. Só agora, volvidos muitos séculos de expectiva separação e exclusivismo, é que, graças ao espírito ecuménico, se estão a descobrir e se começa a gozar, timidamente ainda, algumas dessas riquezas. No entanto, elas são parte do tesouro comum

«A unidade visível nada tirará de nós excepto o nosso separatismo, e há-de acrescentar ao nosso tesouro comum tanto quanto possível do que é verdadeiro e bom na tradição de cada uma das Igrejas constituintes» (Op. cit., p. 14).

Peçamos ao Senhor que ponha fim às desgraçadas desuniões que nos debilitam e empobrecem. Foi o pecado de andarmos afastados do Senhor que nos levou ao afastamento uns dos outros. Cheguemo-nos mais para Ele, que é a Cabeça, e encontremos-nos mais unidos uns aos outros como Corpo. Diz o Apóstolo: «N'Ele habita corporalmente toda a plenitude da divindade; e vós tendes plenitude de vida n'Ele, que é a Cabeça de todo o principado e autoridade» (Col. 2. 9, 10).

É por Cristo e em Cristo — na Verdade que Ele é e no Amor que nos comunica — que a Igreja, ora dividida em cismas, há-de encontrar e manifestar a graça da unidade e o gozo da plenitude.

Rev. dr. Lauro Borba da Silva

Está em Portugal desde Abril, este dedicado e dinâmico Presbítero que veio trabalhar na Igreja Lusitana como «obreiro fraterno», o primeiro que a Igreja Anglicana no Brasil nos envia.

O rev. Lauro é licenciado em Letras pela Universidade de Porto Alegre e fez os seus estudos teológicos na mesma cidade, no Seminário da Igreja em que recebeu as Sagradas Ordens.

É actualmente Pároco da Igreja do Bom Pastor, em Vila Nova de Gaia, onde sucedeu ao Senhor D. Daniel de Pina Cabral.

O Despertar saudá-o, carinhosamente, e saudá nele a Igreja Irmã no Brasil e em particular o seu Bispo Primaz o Senhor D. Egmont Machado Krischke, regozijando-se com este novo elo entre as nossas duas Igrejas.

O obreiro fraterno da Igreja Brasileira, rev. Lauro Borba da Silva e a sua família



Durante o ofertório

na diz de si mesma na Constituição Dogmática sobre a Igreja do Concílio Vaticano II (Cap. 1, § 8): «Esta Igreja (a una, santa, católica e apostólica, que confessamos no Símbolo de Niceia), constituída e ordenada neste mundo como uma sociedade, subsiste na Igreja católica, governada pelo sucessor de Pedro e pelos bispos em comunhão com ele...»

Mas o conteúdo da palavra catolicidade vai muito além do de mera universalidade e ortodoxia. Originada da locução grega «kath'hólos» (segundo o todo), o termo catolicidade implica ainda compreensividade, integridade, totalidade e plenitude. Ora, enquanto a Igreja andar assim fragmentada em cismas, não poderá gozar nem exprimir esta plenitude.

do Povo do Senhor. Quando, pois, realizarmos e vivermos a unidade que há no Senhor, tudo será nosso numa bendita participação.

No preâmbulo aos Princípios de União da Igreja para dez Confissões Cristãs dos E. U. A. vêm estas iluminadoras afirmações:

«Estamos convencidos de que as características da Igreja, que são dons que Deus lhe deu, só se poderão ver plenamente quando a Igreja se tornar visivelmente uma». (Principles of Church Union, p. 11).

«Estamos resolvidos a procurar, sob Deus, uma expressão mais verdadeira da plenitude da Igreja de Cristo do que a que qualquer das Igrejas constituintes julga ser ela só» (Op. cit., p. 13).



MENSAGEM EPISCOPAL

Ministério Apostólico

Qual o valor deste Ministério Apostólico? Como realidade sacramental que é, ele constitui sinal visível da continuação do ministério do Senhor na Sua Igreja: «Como o Pai me enviou a Mim assim Eu vos envio a vós... Recebei o Espírito Santo. Aqueles a quem perdoardes os pecados lhes são perdoados...» (S. João 20, 21-23). Repetimos que este ministério não é distinto da Igreja, comunidade sacerdotal e Corpo de Cristo; tão pouco é distinto do ministério de Cristo; Ele é o *único* Sacerdote, Profeta e Rei-Pastor; mas a Igreja como Seu corpo, participa deste ministério único de Cristo a determinado nível, e o «Ministério Apostólico» é igualmente participação no mesmo Ministério, mas a outro nível. Entra-se sacramentalmente no Corpo de Cristo pelo Baptismo; ingressa-se sacramentalmente no Ministério Apostólico pela Ordenação.

Algumas observações desejaríamos todavia fazer:

A primeira, é que Deus não está sujeito aos meios de graça que Ele mesmo criou. Assim como não baptizados têm exibido por vezes as mais excelsas virtudes cristãs (os quáqueros, por exemplo, e até alguns não cristãos) assim também o ministério de muitíssimas pessoas sem a chamada «sucessão apostólica» tem sido manifestamente abençoado e usado por Deus. Parece-nos porém ser temerário da nossa parte, desprezar os meios por Deus estabelecidos, desprezando essa sucessão consagrada pelo unânime consenso da Igreja indivisa.

A segunda observação que queremos sublinhar é que na ordenação, como de resto em qualquer sacramento, não há nada de mágico. Um sacramento é um sinal eficaz de graça; mas a graça outorgada

(Continuação da pág. 1)

não aniquila a liberdade de quem a recebe, que pode não responder à graça conferida e até acabar assim por resultar em condenação o que para salvação fora ministrado.

Se celebrarmos a Eucaristia com pão mal fabricado e vinho de sabor desagradável, depois da consagração nem a qualidade do pão nem o sabor do vinho se alteram, mas a despeito dos seus defeitos naturais, são o Sacramento do Corpo e do Sangue do Senhor. A ordenação apostólica não transforma um ordinando ignorante, indolente e egoísta, num Ministro culto, diligente e abnegado, embora lhe outorgue graça para que se



A Concelebração

aperfeiçoe e se santifique como ministro de Deus, se a ela responder; mas a despeito de todos os seus defeitos, uma vez ordenado, por exemplo como Presbítero, ele pode absolver e abençoar em nome de Deus; a Eucaristia por ele presidida será verdadeira Eucaristia, porque a validade dos sacramentos não depende da dignidade de quem os ministra, graças a Deus!

Outro ponto que não pode ser esquecido, é o facto de que o verdadeiro Ministro em todos os actos sacramentais, é Jesus Cristo; os ministros ordenados são apenas instrumentos divinamente estabe-

lecidos. Na realidade é Cristo quem baptiza; é Cristo quem na Eucaristia, consagra o pão e o vinho no Sacramento do Seu Corpo e do Seu Sangue, dando-nos assim sinal visível da Sua Presença, misteriosa, sacramental. é certo, mas real e objectiva, na plenitude tanto da Sua divindade como da Sua humanidade glorificada; nunca é demais reafirmar esta actuação de Cristo, que opera pelo Seu Espírito Santo.

Pois bem, é igualmente Cristo, quem ordena; foi Cristo quem sagrou Bispo na Sua Igreja, aquele que no passado dia 25, recebeu na nossa Catedral a imposição das mãos dos Bispos, sinal visível daquilo que pelo Espírito Santo estava a ser feito.

Não somos deste modo deixados, na nossa vivência religiosa, a um mero subjectivismo mais ou menos emocional, quer como indivíduos quer como Igreja. Por estes sinais visíveis *eficazes*, temos o penhor da divina actuação; cabemos a nós não receber em vão a graça de Deus, não pondo obstáculo, quer pela incredulidade quer pela desobediência, a que essa graça opere em nossas vidas.

Não esqueçamos porém, que por termos um Ministério Apostólico sacramentalmente autêntico, cabemos a tremenda responsabilidade de sermos uma comunidade *Apostólica* não só no nome mas também em sua actuação. Apóstolo quer dizer *enviado*; comunidade apostólica, quer dizer comunidade que tem o sentido de missão.

Foi profundamente dominado por esse sentido que Daniel de Pina Cabral, aceitou o episcopado, o que no seu caso tanto representou de abnegação e de coragem. Importa que cada um de nós na vocação em que Deus o chamou, se habitue a perguntar diáriamente, «Senhor, que queres tu que eu faça?» e a saber conhecer a *sua* missão nos problemas espirituais e sociais, numa palavra, nas necessidades *humanas* que vê à sua volta no dia a dia da vida.

+ Luís, Bispo

O R A Ç Ã O

de Francisco de Assis

Senhor!

Fazei de mim um instrumento da vossa paz;

Aonde há ódio, que eu leve o amor;

Aonde há discórdia, que eu leve a união;

Aonde há ofensa, que eu leve o perdão;

Aonde há desespero, que eu leve a esperança;

Aonde há trevas, que eu leve a luz;

Aonde há tristeza, que eu leve a alegria.

Fazei, Senhor, que eu não procure tanto o ser consolado,
como o consolar,

Ser compreendido, como o compreender

Ser amado como amar.

Versão de Eduardo Moreira

Recensão Literária

(Continuação da pág. 11)

congolês trazidas às «Palavras finais» assinadas por Delfim da Silva Pedro: «...Os missionários cometeram erros, tiveram as suas deficiências. Dos nossos ritos, da nossa vida, das nossas instituições, que é que foi cristianizado? Nada, ou quase nada. Em todo o caso muito pouco. Que é o Cristianismo para um africano? Uma religião estrangeira, importada. E os convertidos uns desenraizados, uns isolados da sociedade tribal...» Ressalvado o exagero que se possa assacar ao dito do congolês, e é evidente, pois de raiz toda a intercultura é meio-estrangeira e sem ela não há progresso humano, por outro lado sabemos de muitas iniciativas missionárias, aceites e produtivas, de que a África é devedora. Mas de facto nem todos têm conhecido ou praticado as leis da adaptação, da assimilação, da interpenetração afectuosa, aprendida de aquele Mestre Divino que «armou tenda entre nós» (S. João 1. 14).

Força para amar, por Martin Luther King Jr., tradução portuguesa de Margarida Benard da Costa, 242 pág. Livraria Morais Ed. Lisboa, 1966.

Lido com grande prazer e não menor proveito, termino em gratidão pelas horas bem gastas que o livro me deu. O A. é o famoso pastor baptista, prémio Nobel da Paz, pertencente à minoria de origem africana, que reclama dos seus concidadãos os direitos que a letra da Constituição lhe assegura. Se quisermos ir além da imprensa

mundial, no desejo de conhecer o Homem (e através dele os seus princípios de não-violência) teremos o seu retrato a páginas 34, 35 e 125. A tradução é boa, francamente boa, apesar de algumas hesitações sintácticas de valor mínimo. A pág. 134 diz-se-nos que «Platão tinha razão quando dizia que aquilo que vemos é sombra daquilo que não vemos». Platão disse-o? Em Hebreus 11. 3, em carta por alguns atribuída a S. Paulo, se diz algo semelhante. Haveria equívoco, *lapsus calami*? Entretanto nesse bom português dá-se-nos uma versão de dezassete sermões e um prefácio onde a mensagem de Jesus Cristo não é transferida nem obscurecida pela preocupação do drama do povo a que o dr. King pertence. O seu bom senso é medido numa equilibrada erudição. E' excelente a definição que nos dá de liberdade: «o acto de deliberar, decidir e reagir dentro da nossa natureza». Também a alegoria das três dimensões da vida (p. 124) comparadas às da Jerusalém celeste (só aí eu não lhes chamaria «triângulo», figura de superfície quando a vida é volume). Mas o emblema é desenvolvido com verdade e poder.

Aos portugueses interessa em particular o que aí se diz do problema africano, mas vai longo o comentário que bem gostaria de mais desenvolver. Termino afirmando que vale bem a pena ler estes sermões.

Eduardo Moreira

IN MEMORIAM

Foi brutal o desaparecimento deste mundo do Pastor Guido Waldemar d'Oliveira. Ainda ecoavam as palavras que havia proferido na véspera numa reunião de obreiros evangélicos quando, sem que ninguém o previsse, falecia súbitamente na manhã do dia 6 de Junho. Trabalhou na Igreja de Cristo até ao último minuto, com dedicação, amor, e entusiasmo exemplares.

Tanto na Igreja Evangélica da Tr. de Santa Catarina, em Lisboa, em que era fiel pastor há 33 anos, como em várias organizações interdenominacionais, mostrou sempre grande ardor pela obra geral da Igreja, pelos movimentos de evangelização e pelos grupos juvenis, onde era conhecido pelo nome afectuoso de «Tio Guido».

Desde há anos que era Presidente da Aliança Evangélica Portuguesa — a sua querida Aliança — pela qual tanto trabalhou. Não havendo outro organismo que se encarregasse dos interesses dos evangélicos em Portugal, o Pastor Guido d'Oliveira aparecia sempre onde surgissem dificuldades e esforçava-se para as resolver. Ninguém pode deixar de reconhecer o trabalho insano que desenvolveu como Presidente da Aliança. Seria injustiça não o reconhecer, mesmo que se discorde do modo como duma ou doutra vez poderia ter actuado. Tudo fez porém em total coerência com as suas ideias, com a sua consciência.

Era duma educada delicadeza e as suas prontas intervenções nas assembleias evangélicas evidenciavam a convicção da doutrina que defendia e o desejo de servir.

Director do nosso colega «Correio Evangélico», o que ali escrevia demonstrava o seu vasto conhecimento bíblico e a sua fé em Cristo. Era um homem de boa vontade! Deixou muitos folhetos e outras obras de exegese bíblica e publicou também colecções de livros para ocasiões especiais. Procurava cooperar com todas as denominações dentro do sentido espiritual em que a sua acção ecuménica se movia.

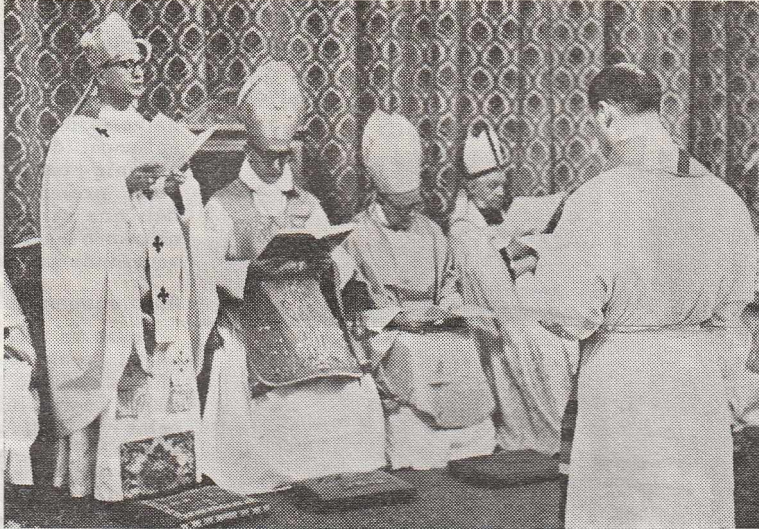
«O Despertar» apresenta ao seu prezado colega «Correio Evangélico» e a toda a sua família a expressão da sua simpatia e amor Cristiano.

Novo aspecto interior da Catedral

Abertura do coro. Foi ultimamente aberto o coro antigo desta Igreja, fechado, segundo cremos, desde que, após a extinção dos conventos em Portugal, por decreto de 1834 de Joaquim António de Aguiar, «o mata frades», a Igreja deixou de servir ao culto católico-romano.

Como é sabido a Catedral da Igreja Lusitana está instalada no extinto convento dos frades carmelitas descalços, inaugurado em Lisboa, em 1611, no sítio de Santos.

Depois da expulsão dos frades o convento teve vários usos. Serviu de hospital, quando da febre amarela em Lisboa em meados do século XIX, e foi também fábrica de velas de navios. Em 1870 foi comprado em hasta pública pela Igreja Escocesa para o seu culto e o dos presbiterianos portugueses. Mas em 1899, porque certamente acharam velho e dispendioso tão vasto edifício, instalaram-se em casa própria na Rua Arriaga, e venderam-no à Igreja Lusitana.



O novo Bispo ao ser examinado pelo Bispo da Igreja Lusitana

Era nessa altura pároco da Congregação de S. Paulo, então na Rua da Moeda e que transitou para este vestuto edifício, o Rev.º Joaquim dos Santos Figueiredo, depois Bispo-eleito. A escola primária, anexa a esta Igreja foi instalada no coro, então já separado quase completamente do corpo da Igreja, excepto por uma larga janela. Esta escola gozou de grande prestígio entre o populoso bairro de Santos. Foi directora dedicadíssima desta escola até à sua aposentação (1954), D. Lavinia Augusta de Figueiredo, muito lembrada, ainda, pelos seus numerosos alunos que leccionara durante os 54 anos do seu magistério e que hoje revê com saudade, nos seus 88 anos, com uma viva lucidez, que Deus conserve ainda por muitos anos mais.

Tendo-se há dois anos encerrado esta escola, por diferentes razões, a que não foram alheias dificuldades financeiras, deu-se a oportunidade de restaurar o antigo coro.

UMA NOVA ÊNFASE DA EUCARISTIA

(Continuação da pág. 9)

viver na realidade todos os mistérios da encarnação de Cristo. O sacramento da Eucaristia nos ajudará a realizar esta re-
vificação, pois a sua linguagem é com-

preensível, simples, vívida, de significado claro, sem dialéticas teológicas, entrando fundo no coração dos seres humanos, pois é a linguagem de Deus.

Decorado a Igreja. Por razões litúrgicas, o altar foi transferido para o transepto da Igreja debaixo da cúpula. Coberto por um panejamento adamascado amarelo-ouro, o altar assenta num estrado octagonal, atapetado por uma alcatifa vermelha. Todo o transepto, elevado um degrau do corpo da Igreja, está revestido duma

alcatifa azul escura, contrastando bem com a cor do altar e do estrado. Quebrando a monotonia lisa do pavimento, a parede frontal da abside está coberta por um panejamento igualmente adamascado como o do altar e duma cor discreta e calmante, azul esverdeada, dizendo bem com a cor marmórea das paredes. Esta decoração pôde realizar-se com o auxílio substancial da Sociedade de Senhoras da Catedral.

Todos aqueles que não têm podido visitar ultimamente a Catedral podem todavia comparar as fotografias que hoje publicamos com a que foi publicada na página central do número anterior do «Despertar» e avaliar assim a diferença.

Órgão electrónico. Por oferta dum dos seus membros, em memória dum irmão seu falecido, tem hoje a Catedral um órgão electrónico Philips, duma sonoridade agradável, digno do templo e do culto a Deus.

Paulo Agostinho

Paulo Agostinho

Entrevista com alguns prelados da Igreja
(Continuação da pág. 7)

compromisso antigo, firmado numa época de condições religiosas completamente diferentes das actuais, que impede os capelães de exercerem proselitismo entre os nacionais dos respectivos países, entre outros factores, constituiram obstáculos ao estabelecimento de mais íntima convivência. Como muitas das dificuldades foram, pouco a pouco removidas, perguntámos.

Que possibilidades antevê para a existência de maior colaboração entre a sua diocese e a Igreja Lusitana?

Mas essa colaboração já principiou! Por mais de uma vez o Bispo da Igreja Lusitana administrou a Confirmação nas nossas capelanias de Lisboa e do Estoril e outros dos seus clérigos têm ocasionalmente substituído alguns dos capelães. A colaboração parece-me relativamente fácil em Portugal embora estejamos ligados ao compromisso que há pouco mencionou. Uma vez que existem relações de intercomunhão, encaminhamos para a Igreja Lusitana os portugueses que, rejeitando parte do ensino católico-romano, desejam manter e seguir a fé católica.

Se a necessidade surgir, o senhor Bispo acha viável a existência de templos comuns às duas comunidades?

Mas sem dúvida. Seria desperdício de dinheiro e de energias construir templos separados. Esse templo comum constituiria a expressão da Comunidade Episcopal Mundial.

A Comunidade Episcopal Mundial (Wider Episcopal Fellowship) é formada pelas Igrejas com episcopado histórico e que, entre si, têm relações de intercomunhão: Comunhão Anglicana, Comunhão Velho-Católica, Igreja Filipina Independente, Igreja Espanhola reformada Episcopal e Igreja Lusitana. Periodicamente, representantes destas Igrejas reúnem-se em conferências, a última das quais se realizou em Cantuária em 1964.

(Continuação da pág. 16)

me que tem sido rodado em muitas igrejas do nosso país e mais do que uma vez exibido na radiotelevisão dos E. U. A.

Festa das Mães

Houve nesta Paróquia duas celebrações da Festa das Mães: uma no dia 25 de Maio, na Capela de S. Tomé, Castanheira do Ribatejo; outra, na Igreja, no domingo 28 do mesmo mês, em que pregou o rev. A. Pinto Ribeiro. Tanto numa como noutra, jovens e crianças da Missão de S. Tomé, colaboraram recitando poesias e cantando coros alusivos à festividade.

Festa dos Trabalhadores

No Domingo de Rogações, como já vem sendo tradição entre nós, celebrou esta Congregação a Festa dos Trabalhadores, sendo pregador Sua Excelência Reverendíssima o Bispo Diocesano da Igreja Lusitana.

L. de Figueiredo

PELA IGREJA

Notícias de Espanha

D. Ramon Taibo foi sagrado Bispo

Com a Igreja Catedral do Redentor, em Madrid, e repleta de fiéis, foi sagrado o novo Bispo da Igreja Espanhola Reformada Episcopal, no passado dia 28 de Maio. Presidiu o senhor D. Luís Pereira, Bispo da Igreja Lusitana, e foram co-sagrantes o Arcebispo Taylor, da Cidade do Cabo, Primaz da Igreja da Província da África do Sul, o Bispo-Primaz da Igreja da Escócia, D. Francisco Moncreiff, e os Bispos, Hürz, de Berne, Allison, de Winchester, Savage, de Southwell, Higgins, de Rhode Island, Reus Froylan, do Porto Rico, Salcedo, Auxiliar do México e Pina Cabral, Sufragâneo dos Libombos.

Os rev.^{ms} Salcedo e Pina Cabral apresentaram o novo Bispo e o sermão esteve a cargo do Bispo do Porto Rico, D. Francisco Reus Froylan.

Facto a notar, 4 dos bispos presentes têm ordens velho-católicas: O Bispo Kürz, que é o diocesano velho-católico da Suíça, e os Bispos Pereira, Reus Froylan e Pina Cabral. Outra nota interessante, esta ecuménica, foi a presença de sacerdotes católicos romanos, o director do Centro Ecuménico João XXIII de Salamanca e membros do Centro Ecuménico de Barcelona.

O Bispo Taibo, que até à eleição episcopal fora o deão da catedral madriena, sucede a D. Santos Molina e é o terceiro bispo da Igreja Espanhola a ser sagrado.

Notícias de Portugal

A Sagração do novo Bispo de Nampula

Constituiu facto significativo da convivência ecuménica que pouco a pouco se vai estabelecendo entre nós, a presença do Bispo Sufragâneo dos Libombos na sagração do novo Bispo de Nampula, que se realizou no passado dia 29 de Junho na Igreja da Trindade, no Porto. O senhor D. Daniel, envergando os paramentos tradicionais dos bispos anglicanos, tomou lugar na capela-mór, junto do Bispo resignatário de Nampula.

No final, enquanto o novo bispo se dirigia para a entrada do templo a fim de receber as homenagens dos fiéis, o senhor D. Maximiliano, Cardeal de Furttemberg, até há pouco Núncio Apostólico em Lisboa, que presidira à cerimónia, cumprimentou o senhor D. Daniel junto do Altar-mór, manifestando o seu apreço pela presença, ali, de um representante ilustre de outra comunidade eristá.

Notícias Paroquiais

Paróquia do Redentor

Porto

Bispo Sufragâneo dos Libombos

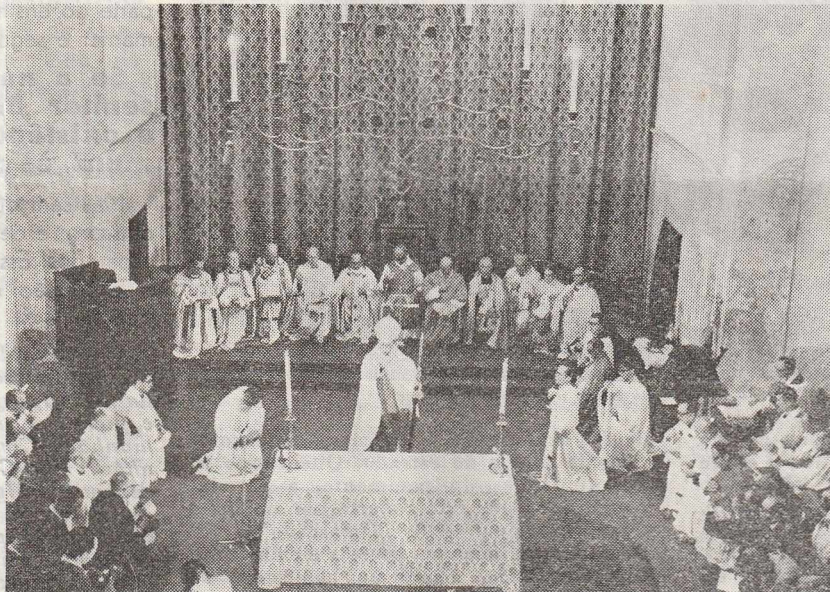
O senhor D. Daniel de Pina Cabral, ao abandonar os seus cargos na Igreja Lusitana, visitou em Março esta paróquia. As suas palavras de despedida penetraram fundo em todos os presentes.

Visita episcopal

O senhor D. Luís Pereira visitou esta congregação no dia 25 de Junho havendo pregado o sermão.

Festa das Mães

Com grande assistência realizou-se esta tradicional festa. Houve recitativos e hinos entoados pelas crianças da Escola Dominical.



Visão de conjunto; D. Daniel dá a sua primeira bênção episcopal

Excursão

O passeio anual da congregação efectuou-se no dia 10 de Junho, visitando-se a Serra do Gerês.

Rev. Pinto Ribeiro

Visitou esta paróquia o missionário rev. António Pinto Ribeiro Jr. que em Nova Lisboa tem desenvolvido intensa actividade evangélica. O rev. Pinto Ribeiro pregou eloquente homilia.

Paróquia de S. João Evangelista

Vila Nova de Gaia

Inauguração da Capela da Missão da Santíssima Trindade

No domingo, dia 7 de Maio, abriu ao culto a Capela da Missão da Santíssima Trindade, em Viana do Castelo, anexa a

esta paróquia. Até aqui os cultos, à maneira neo-testamentária, estavam a celebrar-se numa casa particular. A cerimónia foi presidida pelo Bispo Diocesano e nela tomou parte a maioria do clero do Norte. Grande número de pessoas, enchendo por completo a capela, participou no culto.

Instituição ao leitorado

No domingo, 25 de Junho, o senhor D. Luís Pereira instituiu leitor o sr. Manuel de Sousa Evangelho, a quem a Missão da Santíssima Trindade em Viana do Castelo tanto deve, e à qual tem dado fiel e dedicado interesse. Simultaneamente foi-lhe concedida autorização para exercer o ministério da Palavra. Nesse mesmo dia o novo leitor, falando no templo paroquial, relatou a maneira como aderira à Igreja Lusitana e testemunhou a sua fé na respectiva doutrina. Que Deus abençoe o seu ministério.

Liga do Esforço Cristão

No dia 9 de Maio celebrou-se o 64.º aniversário da Liga do Esforço Cristão do Torne. A dr.^a D. Rute Pires Chumbo pronunciou uma conferência sobre tema bíblico e foram distribuídos prémios aos participantes nos concursos bíblicos.

Aniversário da sagração do Bispo Fiandor

Com uma celebração eucarística celebrou-se, no passado dia 22 de Junho, o 8.º aniversário da sagração episcopal do senhor D. António Fiandor. Estiveram presentes muitos fiéis que assim testemunharam o seu carinho pelo venerando prelado.

Aprofundamente religioso

Todas as terças-feiras, às 8h., realizam-se reuniões de oração, especialmente para intercessão pelos doentes. As sextas-feiras, pelas 18.30, a União Feminina tem levado a efeito, com boa regularidade e assistência, animados estudos bíblicos. Entre os jovens, mantém-se todo o interesse pelos concursos bíblicos que são promovidos nas tardes de sábado.

Excursão

A excursão anual efectuou-se nos dias 10 e 11 de Junho, visitando-se desta vez Lisboa. Antes da partida, na madrugada do dia 10, os excursionistas reuniram-se na igreja para um momento devocional e, no dia seguinte, celebraram, ao ar livre, o culto dominical.

Bodas de Prata

Celebraram as Bodas de Prata na igreja o casal Júlio e Maria do Céu Soares. Entre os presentes estava o seu filho Fernando, leitor da Igreja.

Paróquia de S. Mateus

Vila Franca de Xira

Filme Religioso

No domingo, dia 24 de Abril, às 21.30 horas, foi exibido e comentado pelo rev. Augusto Almeida Esperança o filme religioso «Eu contemplei a Sua Glória», fil-

(Continua na pág. 15)